

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO

Leslie Bethell

WILLIAM SWAINSON: UM
NATURALISTA BRITÂNICO NO BRASIL
(1817-1818)

BETHELL, Leslie
WILLIAM SWAINSON: UM NATURALISTA BRITÂNICO NO
BRASIL (1817-1818)
R. IHGB, Rio de Janeiro, a. 182 (487): 103-120, set./dez. 2021

Rio de Janeiro
set./dez. 2021

WILLIAM SWAINSON: UM NATURALISTA BRITÂNICO NO BRASIL (1817-1818)

WILLIAM SWAINSON: A BRITISH NATURALIST IN BRAZIL (1817-1818)

LESLIE BETHELL¹

Resumo:

William Swainson, botânico e ornitólogo britânico, viajou para o Brasil, aos 27 anos, em novembro de 1816. Ficou seis meses no Recife e em Olinda, nove meses em Salvador, na Bahia, e três meses no Rio de Janeiro. Os seus diários, a sua correspondência e o seu relato da visita publicados no *Edinburgh Philosophical Journal* em 1819 são preciosos em suas descrições da vida política, econômica e social brasileira da época. Swainson foi, por exemplo, a única testemunha estrangeira da Revolução Pernambucana de 1817. O principal objetivo da visita era fazer coletas, e ele voltou para Londres em junho de 1818 com milhares de aves, insetos, peixes, sementes e plantas. Tornou-se mais tarde um dos melhores ilustradores da flora e fauna, especialmente sobre aves, do século XIX, e um dos primeiros naturalistas britânicos a usar a nova técnica de litografia. Publicou uma série de álbuns das suas litografias coloridas, incluindo *The Birds of Brazil* (1832-34). Antes da sua emigração para a Nova Zelândia em 1840, leiloou a sua extensa coleção de insetos. A de ornitologia, principalmente de aves brasileiras e desenhos ornitológicos, foi comprada pela Universidade de Cambridge. Swainson levou consigo centenas de desenhos e a sua coleção de plantas para a Nova Zelândia, onde faleceu em 1855.

Palavras-chave: Naturalista Britânico; Pernambuco; Bahia; Oitocentos.

Abstract:

William Swainson, a British botanist and ornithologist, travelled to Brazil at the age of 27 in November 1816. He stayed six months in Recife and Olinda, nine months in and around Salvador da Bahia, and three months in Rio de Janeiro. The diaries, correspondence and accounts of his visit to the country were published in the Edinburgh Philosophical Journal in 1819 and are valuable source of information about the political, economic and social life in Brazil at the time. Swainson was, for example, the only foreigner to witness the Pernambuco revolution in 1817. The main purpose of his visit to Brazil was to collect specimens, and, in June 1819, he returned to London with a collection of thousands of birds, fish, seeds and plants. He then became in the 19th century one of the finest illustrators of flora and fauna, especially of birds, and one of the first British naturalists to use the new technique of lithography. He published a series of albums of his drawings, including The Birds of Brazil (1834-36). Before immigrating to New Zealand in 1840, he sold his extensive insect collection at an auction. The Cambridge University Library acquired his valuable ornithological collection of mainly Brazilian birds, as well as his ornithological drawings. He took hundreds of drawings and his plant collection to New Zealand, where he died in 1855.

Keywords: British naturalist, Pernambuco, Bahia, 19th century.

William Swainson, botânico e ornitólogo, nasceu em 8 de outubro de 1789 em Liverpool, Inglaterra, onde seu pai era funcionário da Casa

1 – Professor Emérito da História da América Latina na Universidade de Londres e Fellow Emérito do St. Antony's College na Universidade de Oxford. E-mail: leslie.bethell@sant.ox.ac.uk.

da Alfândega. O principal interesse de seu pai era em história natural. Em 1788, foi um dos membros-fundadores da Sociedade Linneana (Linnean Society) – uma homenagem ao botânico e zoólogo Carl Linnaeus (1707-78), que havia criado um moderno sistema de identificação e classificação de plantas e animais². Aos 15 anos de idade e então trabalhando como *junior clerk* (escriturário iniciante) na Casa da Alfândega, William, tendo adquirido de seu pai um conhecimento considerável sobre história natural, foi convidado pelo Museu de Liverpool para elaborar as *Instructions for collecting and preserving subjects of natural history*, impresso por iniciativa privada como folheto em 1808.

Em 1807, aos 17 anos, Swainson foi admitido pelo Comissariado, departamento do governo britânico responsável por abastecer e suprir o exército e que, na guerra contra Napoleão, passou para o controle direto dos militares. Ele foi despachado primeiramente para a guarnição britânica em Malta e, depois, para a Sicília, onde serviu por mais de oito anos. Neste tempo fez também viagens a outras partes da Itália e à Grécia. Em cada lugar, conseguia dedicar seu tempo livre à coleta de plantas, aves, borboletas, insetos, conchas e peixes. Foi admitido como associado da Sociedade Linneana em 1812 (e eleito membro em 1816). No outono de 1815, ao final das Guerras Napoleônicas, aposentou-se no cargo de agente adjunto do Comissariado com metade do salário e retornou para a casa da família em Liverpool.

Após sair do exército, Swainson havia planejado empreender uma expedição botânica e zoológica na África do Sul. Porém, para seu desalento, descobriu que o botânico William John Burchell acabava de passar cinco anos lá e voltava com milhares de espécimes.

Burchell nascera em Londres em 1781, filho de Matthew Burchell, proprietário do Viveiro e Jardim Botânico de Fulham. Estudara com o pai e também no Jardim Botânico Real em Kew (e, em 1803, foi elei-

2 – A Sociedade Linneana (Linnean Society) recebeu estatuto real em 1802. Dedicada ao estudo científico de história natural em todos os seus ramos, com escritório, biblioteca e acervo na Burlington House, Piccadilly, Londres, é a mais antiga sociedade de história natural existente no mundo.

to Membro da Sociedade Linneana). Em agosto de 1805, aos 24 anos, Burchell viajou para Santa Helena, ilha no Atlântico Sul governada pela Companhia das Índias Orientais, onde tornou-se superintendente do Jardim Botânico da ilha. Em 1810, após cinco anos em Santa Helena, cogitou viajar para o Rio de Janeiro, mas acabou aceitando o cargo de botânico no Cabo da Boa Esperança, que os britânicos haviam conquistado dos holandeses em 1806. Burchell passou cinco anos lá, percorrendo 7 mil quilômetros de ponta a ponta na área que em 1815 tornou-se a Colônia do Cabo (a porção meridional da atual República da África do Sul). De volta à Inglaterra, Burchell passou os dez anos seguintes trabalhando com seu pai na organização e classificação de mais de 60 mil espécimes botânicos e zoológicos (plantas, sementes, insetos, peixes e aves) e mais de 500 desenhos botânicos, zoológicos e etnográficos. Além disso, escreveu *Travels in the Interior of South Africa* (2 volumes, Londres, 1822 e 1824).

Em 1816, Swainson conheceu Henry Koster, que o convenceu a ir para o Brasil – mais precisamente, para Pernambuco – ao invés de viajar para a África do Sul.

Koster nascera e crescera em Portugal. Ele havia viajado de Liverpool para Pernambuco em 1809 por motivos de saúde e lá permaneceu, exceto por duas visitas à Inglaterra em 1811-12 e em 1815-16, até sua morte prematura, em 1820. Comprara um engenho de açúcar em Jaguaribe, terras em Itamaracá e um sítio em Gamboa. E havia acabado de publicar *Travels in Brazil, in the years from 1809 to 1815* (Londres, 1816)³.

O livro focava suas experiências como produtor de açúcar. Além disso, há capítulos que descrevem a vida familiar e religiosa em Pernambuco, as populações livres e escravas e as instituições públicas, bem como registros de viagens de Koster à ilha de Fernando de Noronha, à Paraíba, ao Rio Grande do Norte e ao Ceará. O apêndice apresenta

3 – KOSTER, Henry. *Travels in Brazil, in the years from 1809 to 1815* (Londres, 1816). 2nd ed. 2 v. London: 1817; 3rd ed. Philadelphia: 1817; 4th ed. Weimar: 1817; 5th edition Paris: 1818, etc. Tradução em português: São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942, Coleção Brasileira, v. 221. Luís da Câmara Cascudo (Org.); Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2002. Leonardo Dantas Silva (Org.).

trechos transcritos de dois folhetos raros do naturalista Manuel Arruda da Câmara, de Goiana (PE): “Dissertação sobre as plantas do Brasil, que podem dar linhos” e “Discurso sobre a utilidade da instituição de jardins nas principais províncias do Brasil”, ambos originalmente publicados no Rio de Janeiro em 1810.

Koster foi incentivado a escrever seu livro pelo jovem poeta romântico (Poeta Laureado britânico a partir de 1813) Robert Southey, cuja biblioteca usava e a quem o livro é dedicado.

Southey publicou em 1810, dois anos após a Corte Portuguesa se mudar de Lisboa para o Rio de Janeiro durante as Guerras Napoleônicas, o primeiro volume do que se tornaria a trilogia *History of Brazil*, a primeira obra de história do Brasil como colônia portuguesa a tratar os três séculos inteiros, do início do século XVI até o início do XIX⁴. A obra fora baseada em extensa pesquisa na biblioteca de seu tio, o Reverendo Herbert Hill, capelão anglicano para as *factories* britânicas (as comunidades de mercadores britânicos) e grande colecionador de livros e manuscritos portugueses raros, primeiramente no Porto e depois em Lisboa, e em Keswick, no Lake District da Inglaterra, onde dividia uma casa – e uma biblioteca com 14 mil títulos – com o poeta Samuel Taylor Coleridge. Southey, que nunca visitou o Brasil, ganhou a reputação de autoridade sobre Portugal e Brasil. Além de Henry Koster, vários outros autores britânicos lhe pediam orientações ao escrever livros sobre o Brasil, por exemplo: John Luccock (*Notes on Rio de Janeiro and the southern parts of Brazil taken during a residence of ten years in that country from 1808 to 1818*. Londres, 1820) e James Henderson (*A history of the Brazil; com-*

4 – SOUTHEY, Robert, *History of Brazil* (Londres, 1810, 1817 e 1819 – edição revisada do volume I, 1822). A *History of Brazil* de Southey foi a primeira publicada em português, em uma versão resumida e com tradução imprecisa de Luiz Joaquim de Oliveira e Castro, em seis volumes: Paris e Rio de Janeiro: Garnier, 1862. Houve várias outras edições posteriores, todas baseadas na tradução de Oliveira e Castro, mais recentemente em três volumes: Belo Horizonte e São Paulo: Editora Itatiaia/Editora da Universidade de São Paulo, Coleção Reconquista do Brasil, nova série, v., 67–69, 1981. Não existe uma edição crítica moderna da *História do Brasil* de Southey, nem em inglês nem em português.

prising its geography, commerce, colonisation, aboriginal inhabitants, etc., etc., etc. Londres, 1821).

Antes de partir de Liverpool para Pernambuco (acompanhado de Koster, que voltava para casa), em 1816 Swainson pediu a Sir Joseph Banks, presidente da Royal Society e principal conselheiro do Rei George III no desenvolvimento do Jardim Botânico Real em Kew⁵, uma carta oficial de apresentação ao governo português no Brasil. Conforme ele escreveria mais tarde:

A sábia política que influenciou diversos Soberanos Continentais a enviarem homens da ciência para explorar esses tesouros que o território do Brasil oferecia à investigação filosófica, no momento em que a paz universal era restaurada, induziu-me a ter esperança de que nosso próprio Governo de bom grado desse atenção a quaisquer propostas de semelhante natureza feitas a ele... As motivações de minhas viagens eram, em uma primeira instância, apenas a gratificação e o aperfeiçoamento pessoais; mas, considerando que com pouquíssima assistência, e com apoio privado, meus planos talvez tenham aumentado e a esfera de observação mais ampliada, fiz a proposta de remeter à terra natal coleções o mais extensas possível, em todos os ramos da história natural, para nossos museus e jardins nacionais, provido da adequada assistência em termos pecuniários ou até mesmo de um patrocínio nominal como naturalista dado a mim pelo Governo britânico.

Banks cordialmente aprovou as “resoluções” dele, mas recusou a oferta. Assim, Swainson escreveu que estava “inteiramente abandonado [à sua sorte] e a [seus] próprios recursos”, e negou-se a empreender quaisquer funções oficiais além de enviar plantas vivas ao Kew⁶.

5 – Banks era presidente da Royal Society desde 1788. Quando jovem botânico, passara várias semanas no Rio de Janeiro, entre novembro e dezembro de 1768, no início da primeira das famosas viagens do Capitão James Cook de circum-navegação no HMS *Endeavour*. Levava consigo, como assistente, o botânico sueco Daniel Solander, um discípulo de Linnaeus.

6 – SWAINSON, William. Sketch of a journey through Brazil in 1817 and 1818. *The Edinburgh Philosophical Journal*, v. 1 (junho-outubro de 1819), art. XXIV, p. 369-70; Swainson a Banks, Liverpool, 20 de novembro de 1816, Swainson Correspondence, Linnean Society, Londres.

Swainson acreditava que “[Pernambuco] nunca havia sido visitado por naturalista moderno algum⁷”, isto é, desde a abertura do Brasil ao comércio externo e a viajantes estrangeiros com a chegada da Corte Portuguesa, em 1808. Mas isso não era totalmente verdadeiro. Charles Waterton já estivera lá em 1816, embora somente por poucas semanas – tempo insuficiente para coletas substanciais.

Waterton era um viajante e naturalista, com particular interesse em aves, que desenvolveu novos métodos de taxidermia. Conhecera Sir Joseph Banks em 1802, quando tinha 20 anos de idade, e fora incentivado a viajar a Demerara, Essequibo e Berbice, na “costa selvagem” setentrional da América do Sul, entre os rios Orinoco e Amazonas – região tomada dos holandeses em 1796. (Os territórios seriam formalmente cedidos à Grã-Bretanha por meio de tratado em 1814-15 e unificados como Colônia da Coroa da Guiana Britânica em 1831.) Entre 1804 e 1812, atuou como administrador de plantações em Demerara. Em abril de 1812, partiu para uma jornada de um ano de duração interior adentro. Esta foi a primeira de suas quatro extensas viagens pelas Américas descritas em seu livro *Wanderings in South America, the North-West of the United States and the Antilles* (Londres, 1825)⁸. Sua segunda viagem foi para a Guiana Britânica via Pernambuco em 1816-17; a terceira, para a Guiana Britânica em 1820-1; a quarta, para Nova York, o Caribe e a Guiana Britânica em 1824-5.

Waterton partiu de Liverpool para Pernambuco em março de 1816. Na chegada ao Recife, conforme se aproximava da costa, definiu a vista como “encantadora”, mas não se impressionou com a cidade: especificamente, havia “uma lamentável carência de limpeza nas ruas”. Seu relato da breve estada no Brasil consiste sobretudo em um ataque a Robert Southey, o “Sr. Laureado”, por ter comemorado em *History of Brazil* a expulsão dos jesuítas no final do século XVIII (“nonsense incompará-

7 – SWAINSON, Sketch of a journey through Brazil, *op. cit.*, p. 370.

8 – WATERTON, Charles. *Wanderings in South America, the North-West of the United States and the Antilles, in the year 1812, 1816, 1820, and 1824, with original instructions for the perfect preservation of birds and for cabinets of natural history* (Londres, 1825, e mais de 20 edições posteriores). Oxford: Oxford University Press, 1973.

vel”). No entanto, Waterton achou Olinda e Monteiro, nos arredores de Recife, “muito bonitas” e a flora e a fauna interessantes. E ele abateu 58 aves, para coletar as penas ou para empalhamento⁹. Ele havia planejado viajar de Pernambuco à Guiana Britânica através da floresta tropical, mas abandonou esse plano quando se deu conta de que levaria pelo menos 40 dias só para chegar ao Maranhão a cavalo, e por um trajeto “não selvagem o suficiente para prender a atenção de um explorador, nem civilizado o suficiente para prover os confortos habituais a um viajante”. Ao invés disso, ele encontrou passagem para Cayenne, na Guiana Francesa, em um brigue português; de lá continuou por terra até Paramaribo, no Suriname holandês, e por fim até Georgetown, na Guiana Britânica.

Swainson foi, portanto, o primeiro naturalista britânico em visita ao Brasil (Bahia e Rio de Janeiro, além de Pernambuco) a ficar no país por um período mais longo e a fazer coletas importantes¹⁰.

Swainson chegou ao Recife em 22 de janeiro de 1817. Morou inicialmente, e de tempos em tempos posteriormente, com Koster, às vezes com seu “bom amigo” Sr. Pinches. Os preparativos para uma visita ao interior pernambucano foram interrompidos pela eclosão de uma revolução em 6 de março. Tratava-se de uma revolta republicana anticolonialista, contra o domínio português (exercido a partir do Rio de Janeiro,

9 – WATERTON, Charles. *Wanderings in South America* (edição de 1973), *op. cit.*, p. 52-59.

10 – Sobre o período que Swainson esteve no Brasil, temos o registro feito em seu artigo para o *Edinburgh Philosophical Journal* (1819), citado acima, e seus diários (22 de janeiro de 1817 – junho de 1818) transcritos, editados e publicados por seu bisneto Geoffrey M. Swainson: *William Swainson, FRS, FLS: naturalist & artist: Diaries 1808-18 Sicily, Malta, Greece, Italy & Brazil* (Palmerston North, Nova Zelândia, 1989), capítulos 6-9, p. 95-173. Um segundo volume *William Swainson, naturalist and artist: family letters and diaries 1809-1855* (Palmerston North, NZ, 1992), a que Geoffrey Swainson se refere como “Whatever happened to William Swainson?” (O que terá acontecido a William Swainson?), inclui o texto do artigo do *Edinburgh Philosophical Journal*, mas, afora isso, dedica-se à vida de Swainson após sua viagem ao Brasil. E muito pouco trata do Brasil em NATUSCH, Sheila e SWAINSON, Geoffrey M., *William Swainson of Fern Grove, FRS, FLS, etc: the anatomy of a nineteenth century naturalist* (3ª ed. rev., Wellington, NZ, 1987).

desde a transferência da Corte Portuguesa ao Brasil em 1808), inspirada na Revolução Americana, na Revolução Francesa, no liberalismo inglês e na maçonaria, bem como nas revoluções pela independência na América espanhola. Os revoltosos foram derrotados 75 dias depois, por tropas reais despachadas da Bahia. Os “patriotas” capitularam em 16 de maio, e o governo provisório foi dissolvido dois dias depois. Seguiram-se, então, vários meses de repressão brutal.

Em seu diário, Swainson descreveu a Revolução, da qual ele fora unicamente uma perspicaz testemunha estrangeira, com as seguintes palavras:

Um conflito doméstico, a Revolta Republicana de 1817 na província de Pernambuco, revelou a contínua latência do descontentamento entre os brasileiros nativos, especialmente nas províncias ao norte, que compartilharam poucos dos benefícios gozados pela capital. Inspirada nos Estados Unidos e na luta pela independência nas colônias espanholas, foi deflagrada por antagonismos entre os oficiais portugueses e nativos da guarnição, que resultaram em combates pessoais e assassinatos. Influências maçônicas também estavam envolvidas, mas fundamentalmente a revolta foi uma expressão de um regionalismo arraigado que sempre foi um fator importante na história do Brasil. Uma sociedade secreta existia desde 1814 com o intuito de estabelecer um governo republicano e, no início de 1817, foi prematuramente forçada a recorrer às armas. Representantes foram enviados aos Estados Unidos e à Inglaterra para obterem auxílio material, se não reconhecimento oficial, mas tropas disciplinadas foram imediatamente despachadas da Bahia sob o comando do Conde dos Arcos, e a revolta foi reprimida sem dificuldade, com severidade desnecessária. Seu líder, Domingos José Martins, e muitos de seus seguidores foram executados e outros, expulsos ou presos. O episódio permanece no presente como um marco patriótico na história da independência brasileira¹¹.

Seus diários estão cheios de comentários interessantes sobre o decurso da Revolução. Por exemplo, em 19 de abril, escreveu:

Todos os dias testemunham provas adicionais do ardor entusiástico e nobre com que os brasileiros professam a independência de seu país;

11 – Notes on the Revolution, in *Diaries 1808-18*, *op. cit.*, p. 109-10.

os filhos dos habitantes mais importantes, seja por riqueza seja por influência, voluntariaram-se quase incondicionalmente como soldados rasos, muitos dos quais não tinham mais do que 13 ou 14 anos de idade, e seus pais lhes passaram o fervor pela causa¹².

Porém, logo foi estabelecido um bloqueio naval de Recife e tropas começaram a chegar da Bahia. Em 27 de maio, Swainson descreve o suicídio (em 22 de maio) de um dos líderes da Revolução, o Padre João Ribeiro (“vendo a total derrocada de tudo”). No dia seguinte, seu corpo foi exumado e sua cabeça, cortada e exposta nas ruas de Recife¹³. Em 31 de maio, ele escreve:

A prisão de pessoas direta ou parcialmente envolvidas na causa patriótica agora está se tornando maior a cada dia, quase trinta das pessoas mais poderosas, por influência ou família, de Recife já foram detidas e atravessaram a pé a cidade nesta manhã para serem embarcadas à Bahia para julgamento. A banda marcial tocando a Marcha Fúnebre de Saul...¹⁴.

Tropas rebeldes foram publicamente açoitadas. Em 12 de junho, Domingos José Martins foi executado em Salvador. Em 6 de julho, Swainson descreve a execução (realizada no dia anterior) de Antônio Henriques, um jovem oficial da artilharia revoltosa:

A execução de Antônio Henriques ocorreu neste dia; quase a totalidade das tropas, o equivalente a mais de dois mil e trezentos homens, estava armada e marchou do novo ao antigo Palácio, ou Tesouro, na grande parte frontal onde foram enfileirados... Devido a algum erro, a execução foi adiada por algum tempo, mas isso não teve o menor efeito na vítima, que manifestou a maior frieza e intrepidez, sentando-se na escada e ocasionalmente dirigindo-se aos espectadores em apoio à causa pela qual ele sofria.

E acrescenta: “Antes, ele estava bem firme, sua cabeça e suas mãos foram cortadas e colocadas em postes perto das Pontes¹⁵”.

12 – *Diaries 1808-18, op. cit.*, p. 97.

13 – *Ibidem*, p. 100.

14 – *Ibid.*, p. 101-2.

15 – *Ibid.*, p. 107.

Nas “Notes on Pernambuco” incluídas em seus diários¹⁶, Swainson comentou sobre, por exemplo, o fato de não haver uma única biblioteca em Recife; de a única máquina de impressão ter chegado recentemente da Europa (e a primeira vez em que fora usada foi para imprimir a declaração de independência dos revoltosos); de as manufaturas serem desconhecidas exceto pelo “algodão grosseiro para as camisas e roupas íntimas das classes mais baixas”; de os tecidos, janelas, vidros, utensílios, etc. de qualidade serem todos importados; de não haver policiais (apenas soldados); de a população ser majoritariamente escrava e a punição de escravos ser excessivamente severa; de um ar geral de imoralidade e licenciosidade prevalecer; de a varíola ser uma ameaça sempre presente à vida.

Durante a Revolução, Swainson havia ficado dentro e no entorno de Recife e Olinda, coletando aves, plantas e especialmente insetos (“entomologizando”, como ele definiu, a um ritmo de mais de cem insetos por dia, 500 por semana). No final de junho e início de julho, após seis meses em Pernambuco, ocupava-se em organizar suas coleções e embalá-las para o transporte para a Inglaterra. O restante de seus pertences foi enviado na frente e, em 18 de julho, ele partiu com um guia e seu filho, três indígenas e dois cavalos de carga rumo à Bahia, pelas “estradas mais pavorosas que já vi”. Seus diários incluem descrições do interior e dos vilarejos por onde passaram, plantações de cana, fazendas de gado – e sempre as plantas, os insetos e as aves. Em Salvador, Swainson encontrou dois naturalistas prussianos, Friedrich Sellow e seu assistente, Sr. Freyerries, que tinham viajado durante 18 meses por terra a partir do Rio, em uma expedição conduzida pelo príncipe alemão Maximilian zu Wied-Neuwied.

Swainson passou um tempo em Salvador, que achou “infinitamente mais agradável do que Pernambuco”. A antiga capital do Vice-Reino tinha, além de mansões de dois e três andares, igrejas, monastérios e conventos, um passeio e jardins públicos, uma biblioteca pública onde ele se surpreendera ao encontrar em um catálogo impresso as obras de escritores

16 – *Ibid.*, p. 124-31.

ingleses Addison, Pope, Sterne, etc. e “diversas obras modernas de nossos melhores autores vivos”. Ele observou que, assim como em Pernambuco, o único tecido manufaturado localmente era o algodão cru, “adequado apenas para os negros”; que, embora houvesse bons sapateiros, marceneiros e carpinteiros, havia poucos ferreiros e todas as ferragens eram importadas da Inglaterra; que os homens jovens vestiam-se com roupas importadas de Londres; que, embora o francês fosse amplamente falado entre as classes mais altas, ele “nunca ouviu o inglês falado por um brasileiro¹⁷”.

Em 5 de setembro, Swainson deixou Salvador em uma pequena embarcação comercial rumo a Santo Amaro, no norte da baía, e pelos seis meses seguintes deslocou-se entre Santo Amaro, Humildes, Santa Anna e Canavieiras, caçando e empalhando aves. Voltou a Salvador em pelo menos duas ocasiões e uma última vez no final de fevereiro, com “coleções imensas”, principalmente de aves. Em seus diários, tem muito interesse em discorrer sobre as plantações de cana, tabaco e banana, sobre a escravidão (“cada homem com propriedades torna-se um senhor feudal e no seu próprio território ... um pequeno, mas impiedoso déspota”, seus escravos sendo tratados violentamente, mal vestidos e imundos, vivendo na miséria e no desespero, frequentemente recorrendo ao suicídio¹⁸), sobre a ausência das necessidades básicas da vida (“tal é o deslumbramento de usar a mão de obra escassa, que sua indolência lhes permite, na melhor das hipóteses, esforçar-se para que os meios de subsistência sejam negligenciados [pelos brasileiros] pelo lucro imaginário do cultivo de tabaco, algodão e outros artigos mercantis”)¹⁹ e sobre a imoralidade generalizada (“Nunca pensei que houvesse, ou há, uma nação civilizada que desse tão pouca atenção ao recato ou decência comum, nem onde a moralidade em voga fosse tão pouco acatada como no Brasil²⁰). Ele se preocupava particularmente com a comida: “Não se produz manteiga em nenhuma parte do país”, e a manteiga importada da Inglaterra era “muito ruim”;

17 – *Ibid.*, 4 de novembro de 1817, p. 145; *Descriptions of Bahia*, p. 162-7.

18 – *Ibid.*, 23 de outubro, p. 143, 4 de novembro, p. 146.

19 – *Ibid.*, 8 de dezembro, p. 149.

20 – *Ibid.*, 8 de dezembro, p. 153.

o leite era uma raridade ainda maior; não havia carne fresca por mais de uma semana, e havia escassez de farinha; nenhuma laranja apropriada para comer, poucas uvas, e não se dava importância à produção de frutas e verduras tropicais; a horticultura era desconhecida; e “nem um em cada cinco brasileiros no interior já provou pão ou biscoitos, que são comidos apenas ocasionalmente como um luxo pelos mais seletos, com uma xícara de chá ou café”.

Em abril de 1818, Swainson embarcou para o Rio de Janeiro, “mais a fim de comparar o sul com as regiões equinociais do Brasil do que de aumentar minhas coleções em uma parte já bem explorada²¹”. Lá, encontrou os resquícios da expedição científica enviada pelo Imperador Francisco I na ocasião do casamento de sua filha Leopoldina com o filho de D. João VI, D. Pedro. Johann Baptiste von Spix e Carl Friedrich Philippe von Martius, no entanto, não estavam no Rio, e cinco pessoas do grupo austríaco voltaram para casa logo depois de sua chegada. Swainson tinha uma opinião negativa sobre os naturalistas vienenses que encontrou, com exceção do zoólogo Johann Natterer, que se aventurara sozinho pelo interior da província e ficara tempo suficiente para realizar um bom trabalho. Com o italiano Professor Raddi, diretor do museu florentino e que era “incansável na formação de uma boa coleção de frutas e sementes do país”, Swainson saiu em excursão pela Serra dos Órgãos, cujas montanhas “são cobertas por léguas de matas quase impenetráveis, com abundância de samambaias, melastomas e insetos bastante peculiares a elas”. Ele fez várias excursões de campo com o Barão von Langsdorff, naturalista russo-alemão que atuava como cônsul-geral da Rússia no Rio desde 1813 e recebia muitos naturalistas estrangeiros. Os dois trocaram insetos e beija-flores. Langsdorff ajudou Swainson a preparar suas coleções para o transporte, e o mandou para a “velha Inglaterra” com uma lista de livros e coleções de insetos que gostaria de comprar lá²².

21 – SWAINSON, Sketch of a journey through Brazil, *op. cit.*, p. 371.

22 – Langsdorff a Swainson, 5 de julho de 1818, Swainson Correspondence, Linnean Society, Londres.

Swainson partiu do Rio para a Inglaterra no brigue *Betsey* em 9 de junho de 1818, chegando a Liverpool em 5 de agosto, “como uma abelha carregada de mel”: 760 espécimes de aves, muitas completamente novas e outras extremamente raras; mais de 20.000 insetos, “uma grande parcela repetida, mas seguramente pode-se dizer que excede grandemente qualquer coleção de insetos sul-americanos jamais vista neste país”; desenhos e extensas descrições de cerca de 120 espécies de peixes, a maioria desconhecida; sementes de muitas plantas novas e pouco conhecidas, que foram enviadas a Kew e outros jardins botânicos; plantas, samambaias e gramíneas para seu próprio herbário, contendo aproximadamente 1.200 espécies²³.

Logo após seu retorno à Inglaterra, Swainson apresentou-se novamente a Sir Joseph Banks, por cuja recomendação foi eleito membro da Royal Society. Também fez contato com o Dr. William Edward Leach, Encarregado Adjunto e Chefe do Departamento de História Natural do British Museum. Foi Leach quem apresentou a Swainson a técnica de litografia, um novo método para impressão de múltiplas cópias dos desenhos de um artista com tinta ou giz a partir de placas calcárias que era mais fácil e barato do que as gravuras em cobre ou madeira. Swainson publicou sua primeira série de *Zoological Illustrations* (1820-23) em peças grandes, em formato *octavo*, com periodicidade mensal (cinco ilustrações por edição), sob encomenda com um mínimo de 200 cópias solicitadas ao autor previamente à publicação. As peças mais tarde foram reunidas em três volumes, com página de rosto e índice. Ao todo, eram 182 litografias – insetos, conchas e 70 aves – impressas e coloridas a mão pelo próprio autor, o primeiro artista naturalista inglês a fazer isso. Swainson publicou, novamente por encomenda, outros três volumes das *Zoological Illustrations* (segunda série, 1829-33), com 136 litografias coloridas – insetos, conchas e 47 aves. E, mais tarde, publicou em sete partes *The ornithological drawings of William Swainson*, a primeira série de *The Birds of Brazil* (1834-6), com 78 ilustrações coloridas manualmente dos

23 – SWAINSON, Sketch of a journey through Brazil, *op. cit.*, p. 372-3.

espécimes mais raros, e uma segunda edição ampliada com novo título, *A Selection of the Birds of Brazil and Mexico. The drawings* (Londres, 1841).

Apesar do apoio de amigos como Thomas Stewart Traill, fundador da Sociedade Literária e Filosófica de Liverpool e depois Professor de Jurisprudência Médica na Universidade de Edimburgo, e de naturalistas ilustres, como Sir William Jackson Hooker, Professor Régio de Botânica na Universidade de Glasgow e depois Diretor do Jardim Botânico Real em Kew (1814-65), Swainson frustrou-se em sua candidatura para suceder Leach como chefe do Departamento de História Natural do British Museum em 1822. Os administradores do museu escolheram John George Children, Secretário da Royal Society, mineralogista e especialista em química sem grandes conhecimentos sobre história natural. Children foi apoiado por Humphry Davy, sucessor de Banks (que morreria em 1820) na presidência da Royal Society. Estranhamente, Swainson culpou o Arcebispo de Canterbury. Traill recebeu a notícia “com não poucos sentimentos de irritação e considerável indignação”; Hooker, “com lamento”. Traill pensou em armar uma campanha para desacreditar o British Museum em relação à nomeação²⁴.

Swainson casou-se com Mary Parkes no outono de 1823, e eles viveram durante alguns anos em Warwick. William John Burchell, que havia se tornado um grande amigo, foi o padrinho do primeiro filho de Swainson, e os dois naturalistas se corresponderam e se encontraram em diversas ocasiões nas vésperas da jornada de Burchell ao Brasil, em 1825, como botânico oficial (e artista amador) na missão de Sir Charles Stuart para reconhecer a independência do Império do Brasil²⁵. Uma vez estabelecido no Rio de Janeiro, chamou um amigo de Swainson, o cônsul-geral

24 – Traill a Swainson, 22 de abril de 1822; Hooker a Swainson, 7 de dezembro de 1822; Traill a Swainson, 6 de fevereiro de 1823; Swainson Correspondence, Linnean Society, Londres.

25 – Sobre Burchell no Brasil (1825-1830), ver BETHELL, Leslie. Dois artistas ingleses no Brasil: Charles Landseer (1825-6) e William John Burchell (1825-1830). *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, ano 173, n. 456, p. 77-96, julho-setembro de 2012.

russo Barão von Langsdorff, que se preparava para viajar a Santos e São Paulo no início de uma expedição científica pelo interior do Brasil patrocinada pelo Czar Alexandre I. Burchell entregou-lhe cópias dos dois primeiros volumes das *Zoological Illustrations* de Swainson e comprou, em nome de Swainson, e despachou para a Inglaterra uma parte da coleção de aves e insetos de Langsdorff²⁶.

Em maio de 1828, o ornitólogo franco-americano John James Audubon (1785-1851) visitou Swainson em Tittenhanger Green, perto de St. Albans, onde ele morava na época com suas coleções e biblioteca. O famoso *Birds of America* (1826-38) de Audubon, publicado em Londres por assinatura, tornou-se o livro mais conhecido sobre aves e o último a ser ilustrado com gravuras (obra de Robert Havell). Audubon havia se encantado com a entusiasmada crítica de seu livro feita por Swainson (obra de um gênio) na *Magazine of Natural History* de John Claudius Loudon (abril de 1828)²⁷. Os dois novos amigos, porém, logo discutiram por causa de uma proposta para que Swainson ajudasse Audubon a escrever *Ornithological Biography*, um texto que complementaria *Birds of America*. Swainson queria seu nome na capa e ser pago por seu conhecimento e trabalho. Em seu *Taxidermy: Bibliography and Biography, with the biographies of zoologists and notices of their works* (1840), Swainson destinou apenas uma página a Audubon (“J.J. Audubon, Pintor de Animais”), que foi descrito como “confessadamente apenas um naturalista de campo, não científico. Ele consegue atirar numa ave, preservá-la e fazê-la viver de novo... mas não consegue descrevê-la em termos científicos... uma ignorância geral da ornitologia moderna infelizmente decepciona o leitor científico²⁸”. O verbete mais longo era sobre o próprio Swainson (sua “autobiografia”).

26 – Burchell a Swainson, 31 de agosto de 1825, Swainson Correspondence, Linnean Society, Londres.

27 – Audubon a Swainson, 1 de maio de 1828, Swainson Correspondence, Linnean Society, Londres.

28 – Citado em FORD, Alice. *John James Audubon: a biography*. Nova York: Abbeville Press, 1988, p. 380.

Nos anos 1830, Swainson já estava à vontade no papel de autor e ilustrador profissional. Colaborou com Sir John Richardson em *Fauna Boreali-Americana* (1831), que incluiu 49 de suas ilustrações coloridas a mão. Contribuiu com 11 volumes na *Cabinet Cyclopaedia* (1830-44) de Dionysius Lardner, que viria a totalizar 133 volumes, e vários volumes em *The Naturalist's Library* (1833-43), obra popularíssima de Sir William Jardine composta por 40 volumes, cada um preparado por um naturalista importante. Revisou uma parte da *Encyclopedia of Gardening*, publicada pela primeira vez em 1822, e *Encyclopedia of Agriculture*, originalmente publicada em 1825, ambas de Loudon, e planejou um volume complementar sobre Zoologia, que acabou sendo incorporado à *Cabinet Cyclopaedia* de Lardner.

Swainson considerava-se um naturalista filosófico. Em alguns dos volumes da *Cabinet Cyclopaedia*, em *On the Geography and classification of animals* (1835) e, especificamente, em *On the Natural History and Classification of Birds* (1836), mostrou entusiasmo pelo sistema “Quinário” de classificação defendido por naturalistas franceses, mas rejeitado pela maioria dos naturalistas britânicos (Charles Waterton, por exemplo, que Swainson considerava ser um amador e mentiroso, zombava dele). De certa forma, isso comprometeu sua autoridade e credibilidade como cientista²⁹. Swainson claramente não foi nenhum Wallace ou Darwin. No entanto, talvez tenha sido o melhor artista ornitológico do século XIX³⁰. O único concorrente a esse título, John Gould (1804-81), com quem Swainson se correspondia, sobretudo sobre tucanos, pintou as aves da Austrália, Ásia, Grã-Bretanha e Europa, mas nunca visitou a América do Sul³¹. Swainson certamente foi o melhor ilustrador da flora e da fauna,

29 – Sobre Swainson e o sistema “Quinário” de classificação, ver KNIGHT, David M. William Swainson: naturalist, author and illustrator. *Archives of Natural History* 13/3 (1986), p. 275-90.

30 – Ver JACKSON, Christine E. *Bird Illustrators: some artists in early lithography*. Londres: H. F. e G. Witherby, 1975, e SKIPWITH, Peyton. *The Great Bird Illustrators and their Art 1730-1930*. Londres: Hamlyn, 1979.

31 – Ver SAUER, Gordon C., *John Gould. The Bird Man. A chrononlogy and bibliography*. Melbourne: Lansdowne Editions, 1982.

especialmente das aves, pernambucanas desde os artistas holandeses que moraram lá em meados do século XVII.

Já em 1830, entretanto, Swainson evidentemente era um homem decepcionado. Escreveu a Audubon em maio daquele ano: “Estou cansado do mundo e da humanidade e, se não fosse minha família, terminaria meus dias nas minhas amadas florestas do Brasil³²”. Ao longo da década seguinte, desiludiu-se da possibilidade de ganhar a vida como naturalista fora de uma instituição; discutiu com muitos de seus colegas naturalistas, que o consideravam briguento e vanglorioso; suas teorias em zoologia não eram levadas a sério. Após a morte de sua esposa, em 1835, isolou-se cada vez mais. As dificuldades financeiras aumentaram com a perda de metade de sua fortuna no fracasso de duas minas mexicanas em 1837. Enfim, em 1839, decidiu emigrar para a Nova Zelândia. Em 10 de junho, solicitou terras. Em 8 de julho, foi nomeado membro do Comitê da Primeira Colônia da Nova Zelândia.

Mas, antes, precisou lidar com suas coleções, principalmente as que seriam difíceis de transportar para a Nova Zelândia. Em julho de 1840, leiloou sua coleção de 12.800 insetos, muitos dos quais brasileiros. Em 1838, já tinha oferecido suas valiosas coleções de ornitologia ao naturalista Charles Lucien Bonaparte, sobrinho de Napoleão Bonaparte, por £500, mas não chegaram a um acordo. Tentou o British Museum, mas os administradores do museu não aceitaram. Em fevereiro de 1840, ofereceu-as ao Lorde Derby por £1.000 com a intenção de serem doados à Universidade de Oxford, mas a proposta também não deu em nada. Por fim, em agosto a coleção foi comprada pela Universidade de Cambridge: 2.800 espécimes de aves, cerca de 360 já montados, a maioria do Brasil, e 10.000 insetos. O acordo incluiu cerca de 500 desenhos, mas estes foram embarcados “acidentalmente” para a Nova Zelândia. Todavia, em 1983, mais de 400 desenhos ornitológicos de Swainson, datados de 1803 a 1845, foram encontrados na biblioteca Balfour, na Universidade de Cambridge; aparentemente, eles foram mandados de volta em 1845.

32 – Citado em FORD, *John James Audubon. op. cit.*, p. 272.

Centenas de desenhos seus ainda precisam ser encontrados na biblioteca Alexander Turnbull, em Wellington, Nova Zelândia³³.

Assim que a venda de suas coleções de aves foi resolvida, Swainson zarpou para a Nova Zelândia, levando consigo, além dos desenhos, cinco caixas de plantas mediterrâneas e brasileiras (majoritariamente samambaias e gramíneas). O navio fez uma parada no Rio de Janeiro, e Swainson pôde se familiarizar novamente com a cidade e seus ambientes, além de coletar mais plantas. Na Nova Zelândia, escreveu pouco e se dedicou principalmente à horticultura. Muitas de suas plantas fazem parte do Herbário do Museu Nacional da Nova Zelândia. Swainson morreu em casa, na propriedade Fern Grove, em River Hutt, Nova Zelândia, em 5 de dezembro de 1855.

Texto apresentado em maio de 2021. Aprovado para publicação em outubro de 2021

33 – Vide PARKINSON, Phil. William Swainson's ornithological collections. *Archives of Natural History*, 15/1, p. 77-88, 1988.